

**SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
REDE SÃO PAULO DE FORMAÇÃO DOCENTE**

SILVANA APARECIDA DE OLIVEIRA FERREIRA

**O PERÍODO DE TRANSIÇÃO DOS ALUNOS ENTRE OS CICLOS 1 E 2 DO
ENSINO FUNDAMENTAL: PERSPECTIVAS MARCANTES PARA O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**São Paulo
2011**

SILVANA APARECIDA DE OLIVEIRA FERREIRA

**O PERÍODO DE TRANSIÇÃO DOS ALUNOS ENTRE OS CICLOS 1 E 2 DO
ENSINO FUNDAMENTAL: PERSPECTIVAS MARCANTES PARA O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Curso de Gestão
da Escola para Diretores da Universidade de
São Paulo.

Orientadora: Professora Cynthia Iszlaji

São Paulo

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

Nome da autora: Silvana Aparecida de Oliveira Ferreira

Título: O período de transição dos alunos entre o ciclo do Ensino Fundamental 1 e 2: perspectivas marcantes para o processo de ensino-aprendizagem

Orientadora: Prof.a Cynthia Iszlaji

Banca examinadora:

Prof.: _____

Instituição: _____

Prof.: _____

Instituição: _____

Prof.: _____

Instituição: _____

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ferreira, Silvana Aparecida de Oliveira

O período de transição dos alunos entre os ciclos 1 e 2 do Ensino Fundamental: perspectivas marcantes para o processo de ensino-aprendizagem. Silvana Aparecida de Oliveira Ferreira

São Paulo, 2011.

28 p.

Orientadora: prof. Cynthia Iszlaji

RESUMO

Alguns estudos destacam que o período de transição da 4.^a série/5.^o ano para a 5.^a série/6.^o ano revela um momento bastante conflituoso para o aluno e, geralmente, sem o devido cuidado pedagógico dos professores e da instituição escolar, esses conflitos podem resultar em comprometimentos futuros. Diante disso, este trabalho objetivou discutir e analisar essa passagem de séries, problematizando-a no cenário da escola. Participaram da pesquisa alunos nesse período de transição, pais, professores, funcionários e toda a equipe gestora da Escola Estadual Francisco Derosa, localizada no município de Nazaré Paulista, estado de São Paulo. Docentes imbuídos de reflexão, sensibilidade e abertos ao diálogo podem contribuir com a minimização dos conflitos enfrentados nessa transição e com o desenvolvimento das competências e habilidades para a aprendizagem.

Palavras-chave: Transição Escolar, Acolhimento, Defasagem, Gestão Democrática, Planejamento Estratégico, Participação, Aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
JUSTIFICATIVA	10
OBJETIVOS	12
OBJETIVO GERAL	12
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1 REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 A TRANSIÇÃO ESCOLAR: SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	13
1.2 A IMPORTÂNCIA DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO NA TRANSIÇÃO ESCOLAR – O PROJETO PEDAGÓGICO E A AUTONOMIA DA ESCOLA.....	14
2 METODOLOGIA	16
3 RESULTADOS	19
4 ANÁLISE DOS DADOS	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
BIBLIOGRAFIA	30
APÊNDICE	31

INTRODUÇÃO

No início de cada ano letivo, recebemos alunos que saem, em sua maioria, do ciclo 1 do Ensino Fundamental das escolas da rede municipal de ensino e chegam a nossas escolas em diversos níveis da aprendizagem. Os professores não se sentem preparados para trabalhar com esses alunos, os quais, esquecidos ou deixados de lado, aumentam a cada ano os índices de evasão e reprovação escolar.

Estamos repetindo os passos de sempre, e o que mais nos preocupa é a questão de como receber esses alunos em transição. Os alunos chegam à escola e não sabemos como responder suas demandas educacionais. Portanto, neste trabalho, pretendemos discutir e analisar a passagem de séries, problematizando-a no cenário da escola. Os conflitos que o nortearam estão descritos abaixo e partindo deles é que as ações na escola começaram a ser realizadas.

A maioria dos alunos que chega à escola hoje carrega uma bagagem de aprendizado, ou seja, estão nos níveis silábico, pré-silábico e mesmo não alfabetizado. Então nos perguntamos: Como desenvolver atividades em uma sala heterogênea e inclusiva para traçar um plano de trabalho? Quais métodos poderão ser utilizados para descobrir o que o aluno sabe e o que ele não sabe? Quais metodologias e didáticas devem ser utilizadas para desenvolver o aprendizado? Que habilidades e competências podem ser desenvolvidas nos alunos em fase de transição durante o ano letivo?

Já, para o diretor da escola, os questionamentos para a promoção de intervenções devem ser: Como proceder com relação ao professor que interage seletivamente com os alunos e, por isso, alguns vivenciam mais que outros a experiência de ser ouvido ou questionado, felicitado ou repreendido? Quanto à comunicação não verbal, como ela poderia ser padronizada para que se consiga avaliar o que o aluno sabe? Como o gestor deve proceder para auxiliar o professor? Como deve ser a articulação entre o gestor e o docente que esquece que a escola é um universo heterogêneo, tal como a sociedade?

Diante de tantos desafios, é preciso buscar novas práticas metodológicas e recursos mais compatíveis com a atualidade, e utilizar novas maneiras de praticar o conteúdo curricular das disciplinas.

A contextualização dos currículos no cotidiano e a experiência dos educandos são imprescindíveis. Somente dessa forma o conhecimento adquirido em sala de aula poderá tornar-se significativo para o aluno da 5.^a série/6.^o ano. É importante que a equipe de apoio valorize uma atitude de escuta e acolhimento das dúvidas, angústias, temores e questionamentos dos professores e dirigentes.

Ouvir, observar e analisar são atitudes fundamentais para validar as necessidades do professor, e também permitem a obtenção de informações, conhecimentos, orientações e encaminhamentos para que, pouco a pouco, “situações problemáticas” sejam transformadas em “situações-problema”, por meio das quais os professores aprenderão e vencerão os desafios enfrentados em seu trabalho. Chamamos de situações problemáticas aquelas em que as queixas, as dificuldades e os obstáculos interrompem e paralisam a ação pedagógica, e de situações-problema aquelas em que o sujeito mobiliza seus recursos ou esquemas para a tomada de decisão.

Na seção “Referencial teórico”, trataremos do período de transição dos alunos do ciclo 1 para ciclo 2, a qual é um dos problemas na escola, pois é um fenômeno complexo, que reúne múltiplos aspectos. A espantosa realidade brasileira escolar está presente em todas as estatísticas publicadas em nosso país, sendo impossível ignorá-la, e nosso sistema de ensino vem, contraditoriamente, gerando semi-analfabetos e apresentando uma absoluta incapacidade de reter a clientela. Também serão apresentados estudos já realizados por outros autores sobre o tema ou, mais especificamente, sobre o problema da pesquisa. Todas as bibliografias consultadas têm por objetivo homogeneizar os conceitos que serão a chave da compreensão do presente trabalho, viabilizar a formulação de hipóteses que são aqui desenvolvidas para responder o problema da pesquisa, transmitir ao leitor elementos suficientes para a análise da pertinência do problema e da metodologia adotados, e contextualizar os resultados obtidos.

Em “Metodologia”, faremos uma análise da situação de 120 alunos da 5.^a série/6.^o ano que ingressaram em nossa escola no período de transição, os quais participaram de uma avaliação diagnóstica qualitativa (composta por leitura, escrita, interpretação e pelas operações básicas, que contêm problemas de interpretação), preparada pelos professores de Português e Matemática, com a ajuda de toda a equipe de apoio.

Em “Análise dos dados”, encontraremos certa defasagem em pontos cruciais da aprendizagem, como o pré-silábico, o silábico sem valor, o silábico com valor, o silábico alfabético, o alfabético recente e o alfabético pleno.

O ambiente onde são realizadas as práticas educativas, sem dúvida, interfere favoravelmente ou não nos resultados destas. Assim sendo, do ponto de vista pedagógico, a sala de aula não pode ser encarada apenas como local destinado a abrigar alunos e professores durante o trabalho escolar, pois ela é, antes de tudo, um meio educativo.

Uma das providências a serem tomadas é melhorar a qualificação dos professores e formá-los para poderem elaborar uma boa recepção para os alunos em transição, pois em uma simples aula não é possível avaliar o conhecimento do aluno ou garantir que tenha sucesso na transição de um ciclo para outro.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho consiste em discutir uma situação que é constantemente vivenciada na escola pública, mas que dificilmente é trabalhada academicamente. Trata-se da ruptura entre a 4.^a e a 5.^a séries/5.^o e 6.^o anos do Ensino Fundamental, a qual se relaciona às inúmeras diferenças que existem entre um nível de ensino e outro, caracterizando uma ausência de estratégias didáticas e pedagógicas por parte do professor e da própria escola, o que resulta em uma mudança abrupta que causa diversos prejuízos aos alunos.

Na 4.^a série/5.^o ano do Ensino Fundamental, há um único professor responsável por ministrar aulas de todas as disciplinas escolares. Já na 5.^a série/6.^o ano, os alunos passam a se relacionar com diversos professores durante aulas cuja duração é de 50 minutos cada uma, havendo, portanto, uma rotatividade muito grande. Isso acarreta uma falta de identidade por parte dos alunos e, posteriormente, um déficit no quesito emocional e afetivo, podendo gerar, entre outros fatores, a indisciplina.

Alguns fatores, como a dispersão e a indisciplina na sala, aliados à desatenção durante o período de aula, são provocados pela dificuldade de ler e escrever. Essas são as características do comportamento de alunos que chegam à escola pré-alfabetizados ou não alfabetizados e com dificuldades para se adaptar ao vários professores (oito ou nove) de várias disciplinas, já que, anteriormente, havia, no máximo, três professores. Há uma série de questões problemáticas que nos alertam para a necessidade de compreendermos melhor o processo educacional nas escolas, sobretudo em benefício da aprendizagem dos alunos. Dentre elas, destacam-se: na 4.^a série/5.^o ano e na 5.^a série/6.^o ano a interação entre professor e alunos, nos âmbitos afetivo e social, é diferente; não há integração e interdisciplinaridade entre as diversas disciplinas, especialmente na 5.^a série/6.^o ano; há pouco contato entre os docentes.

Contudo, ainda sabemos muito pouco sobre como se dá o processo de transição da 4.^a para a 5.^a série para os alunos. Nesse sentido, o objetivo deste projeto de pesquisa é discutir e analisar a passagem dos alunos da 4.^a para a 5.^a série do Ensino Fundamental, especificamente com relação à adaptação. Espera-se, com isso, contribuir com as reflexões sobre a educação e a

aprendizagem escolar, como também, com o desenvolvimento de estratégias que amenizem essa ruptura em benefício da formação e do desenvolvimento das competências e habilidades da aprendizagem dos alunos.

O conceito antigo de disciplina, no qual o professor é protagonista, não serve mais para resolver as questões de aprendizagem nessa fase de transição. O aprendiz também ficará comprometido se esses alunos não forem corretamente acolhidos, pois eles devem se sentir aceitos, e não culpados por ainda não saberem ler nem escrever.

A nosso ver, a escola deve receber e promover a aprendizagem de todos os alunos. Estamos aprendendo a reorganizar a dinâmica da sala de aula, mas ainda encontramos grandes dificuldades, que surgem logo no início das aulas, pois nossos professores não sabem como agir com alunos em fase de transição do ciclo 1 para o ciclo 2 (da 4.^a série/5.^o ano para a 5.^a série/6.^o ano), que chegam pré-alfabetizados ou não alfabetizados, visto que os professores do ciclo 2 não são alfabetizadores. Outra dificuldade é a adaptação em relação às disciplinas ministradas por vários professores (oito ou nove), já que, anteriormente, havia, no máximo, três professores.

Nessa fase de transição, as dificuldades para estabelecer a disciplina, negociar as regras e desenvolver o aprendiz podem aumentar. É preciso saber lidar com os conflitos.

Esse foram alguns motivos que nos levaram a pesquisar e montar o projeto de aprendizagem escolar no período de transição, ponto de partida para este estudo.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo discutir e analisar o período de transição da 4.^a série/5.^o ano para a 5.^a série/6.^o ano do Ensino Fundamental, problematizando-a no cenário da escola, com o intuito de contribuir com a minimização dos conflitos enfrentados nessa fase e de favorecer o desenvolvimento das competências e habilidades para a aprendizagem.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apoiar o processo de transição do ciclo 1 para o ciclo 2;
- proporcionar ao aluno e ao professor algum suporte social, didático, pedagógico e emocional no processo de transição;
- prevenir dificuldades de adaptação ao novo contexto educativo;
- sanar os problemas de alfabetização para dar a todos os alunos as mesmas chances de aprendizado;
- evidenciar as dificuldades encontradas pelos alunos em transição.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos objetivos deste projeto é fazer a mediação entre os alunos e seus objetos de conhecimento. Compreende-se que os motivos de os alunos não aprenderem podem ser diversos. Não é uma tarefa fácil para os educadores compreender essa defasagem. É comum constatar que as escolas rotulam e condenam à repetência os alunos que não conseguem aprender, como também classificam-nos como “alunos sem solução e vítimas da desigualdade social”.

As relações interpessoais consistem no contato entre as pessoas, o que pressupõe muitas variáveis, como sujeito, circunstância, espaço, local, cultura, desenvolvimento tecnológico, educação e época, e meios, como familiar, educacional, social, institucional, profissional. Essas variáveis estão ligadas aos resultados finais: harmonia, avanço e progresso, ou estagnação, agressão ou alienação. Nas relações interpessoais entre professor e aluno é que se dá a construção de vínculos com a aprendizagem, um dos aspectos fundamentais a serem considerados.

Determinadas disciplinas, a partir de um tipo negativo de relação interpessoal com o professor, podem gerar aversão nos alunos, assim como relações interpessoais positivas podem minimizar essa aversão, fazendo com que os alunos passem a se interessar pelo assunto a partir da presença de um novo professor. Este pode estabelecer um vínculo favorável ou desfavorável em relação a um determinado conhecimento de acordo com a relação interpessoal que estabelece com seus alunos.

1.1 A TRANSIÇÃO ESCOLAR: SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Segundo A. Bento (2005), há vários efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola, como também perspectivas dos alunos da 4.^a série/5.^o ano. Em seu livro, Gomes (2007) nos faz refletir como começar bem a passagem da 4.^a para a 5.^a série, e para isso precisa de experiência e de um projeto de apoio à transição do 1.^o para o 2.^o ciclo do Ensino Básico. Barroso (2003) fala sobre a formação de projeto e desenvolvimento educacional e Day

(1999) aborda em seu livro o desenvolvimento profissional do professor. Para nós, o educador é aquele que tem suporte para analisar a realidade e projetar sobre ela certos interesses que estimulam os alunos a querer conhecer mais. Ao contrário do que muitos pensam, o ensino que parte da realidade da criança, do conhecimento que ela já tem, não é um ensino espontaneísta, no qual o professor é só figurante. (OLIVEIRA, 1993, p. 22)

A escola, como organização que aprende, conforme citado por Bolívar (2003), revela algumas mudanças que devem ser realizadas para receber os alunos em transição. Porém, Fullan (2003) discorre sobre como liderar uma cultura de mudança, como ocorre sempre em nossa sociedade, e Hargreaves (2003) sustenta a leitura sobre os professores em tempos de mudanças e sobre o trabalho e a cultura dos professores na Idade Pós-Moderna.

1.2 A IMPORTÂNCIA DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO NA TRANSIÇÃO ESCOLAR – O PROJETO PEDAGÓGICO E A AUTONOMIA DA ESCOLA

Organizar o trabalho pedagógico na escola pública não é uma tarefa fácil; é algo abrangente, que requer uma formação de boa qualidade, além de exigir do gestor um trabalho coletivo, que busque incessantemente a autonomia, liberdade, emancipação e participação na construção do Projeto Político-Pedagógico. A idéia de um projeto pedagógico, visando à melhoria desse mundo com relação às suas práticas específicas, será uma ficção burocrática se não for fruto da consciência e do esforço da coletividade escolar. Por isso, é ela, a escola, que precisa ser assistida e orientada sistematicamente, e seus membros temporários, que são os professores, não devem ser aperfeiçoados de forma abstrata para o ensino de sua disciplina, mas para a tarefa coletiva do projeto escolar. O projeto pedagógico da escola é apenas uma oportunidade para que algo aconteça, como a tomada de consciência dos principais problemas da escola, das possibilidades de solução e definição das responsabilidades coletivas e pessoais para eliminar ou atenuar as falhas detectadas. Nada mais. Porém, isso é muito difícil (AZANHA, 2006, p. 87-104).

Em uma gestão democrática, o gestor precisará saber como trabalhar os conflitos e desencontros, deverá ter competência para buscar novas alternativas, e estas devem atender aos interesses da comunidade escolar, deverá compreender que a qualidade da escola dependerá da participação ativa de todos os membros, respeitando a individualidade de cada um e buscando nos conhecimentos individuais novas fontes de enriquecimento do trabalho coletivo.

A participação é o principal meio de assegurar a aprendizagem na escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisão e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e metas, da estrutura organizacional e da dinâmica das relações da escola com a comunidade, que favorece uma aproximação maior entre professores, alunos e pais.

2 METODOLOGIA

No primeiro bimestre deste ano, foi realizada uma pesquisa sobre a defasagem dos alunos em transição do ciclo 1 para o ciclo 2. Participaram da triagem 120 alunos da 5.^a série/6.^o ano e 150 alunos da 6.^a série/7.^o ano, em um total de 270 alunos, que desenvolveram atividades preparadas pelos professores de Português e Matemática, as quais continham leitura, escrita, interpretação e as operações básicas com problemas de interpretação, formuladas com a ajuda de toda a equipe que participou do projeto.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram as atividades de Português e Matemática e um questionário (Apêndice) aplicado aos alunos.

Durante a coleta dos dados, houve uma avaliação diagnóstica, uma reunião com os pais para informar o grau de aprendizagem de seus filhos e as propostas para desenvolver o aprendizado. Com relação à avaliação, foram realizadas várias atividades, como leitura, escrita e cálculos utilizando as quatro operações básicas. Assim, foi possível realizar o plano estratégico para recuperar o aprendizado.

Após recebermos os relatórios do ciclo 1 solicitados à escola, começamos a desenvolver estratégias para resolver o problema relacionado ao aprendizado. A Escola Estadual Francisco Derosa, localizada no município de Nazaré Paulista, estado de São Paulo, recebe alunos de várias outras escolas municipais, muitas da zona rural, e nem todas encaminham os relatórios. Nesse caso, gestores e professores fazem a triagem dos alunos considerando aspectos como aprendizagem e alfabetização, e a maioria apresenta dificuldades de aprendizagem e de adaptação, pois está em período de transição do ciclo 1 para o ciclo 2.

Como a escola é localizada no centro do município e próximo a ela há uma comunidade (favela), cujas crianças também estudam em nossa escola, precisamos sempre estar atentos para não haver discriminação. Geralmente essas crianças têm auto-estima baixa; o trabalho para recuperá-las está ligado ao reconhecimento de seu progresso, mesmo que seja mínimo, pois elas precisam de estímulo para continuar aprendendo.

Desse modo, a equipe gestora, após um amplo debate, concluiu que é preciso criar novos contextos que se adaptem às individualidades dos alunos, partindo do que cada um sabe, de suas potencialidades e não de suas dificuldades, propondo temas para estudo e reflexão sobre aprendizagem com o uso de novas metodologias. Após as discussões e reflexões sobre os temas, chegou-se à conclusão de que devemos utilizar nosso conhecimento e nossa dedicação, além dos princípios da normalização e individualização do ensino, para compreender ao invés de excluir, conforme orientação da proposta pedagógica.

Sabemos que esse é um processo complexo, em que estão incluídas inúmeras variáveis: aluno, professor, concepção e organização curricular, metodologias, estratégias e recursos. No entanto, a aprendizagem do aluno não depende somente dele, mas também de como a ajuda do professor está ajustada ao nível de conhecimento que o aluno possui de cada tarefa de aprendizagem. Se o ajuste entre o professor e a aprendizagem do aluno for apropriado, o aluno aprenderá e apresentará progressos, qualquer que seja o seu nível. É óbvia a grande dificuldade que os professores sentem quando se deparam com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. O acompanhamento dos pais, ao interagir com o aprendizado do aluno e ao se comprometer com a escola, também é fundamental.

Partindo do pressuposto de que todos os alunos são diferentes, tanto em relação às suas capacidades quanto à motivação, interesse, ritmo evolutivo, estilo de aprendizagem e ambiente em que se dá a aprendizagem, e entendendo que todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas contextuais e relativas, é necessário colocar em prática no próprio processo de interação entre ensino e aprendizagem.

Foi proposta a realização da recuperação paralela, sempre contando com o apoio dos pais e a colaboração dos professores. Após uma análise os pais foram chamados para terem conhecimento dos relatórios e assumirem o compromisso de assegurar a participação dos filhos na recuperação paralela e no programa de alfabetização, ambos desenvolvidos pelos professores comprometidos com o projeto de alfabetização.

Durante as reuniões do HTPC, foi traçado um plano de trabalho para os professores com o auxílio de um professor de uma escola que faz parte do Projeto Letra e Vida. Foram apresentadas para os professores as metodologias de alfabetização cujas atividades desenvolvem as habilidades e competências para a alfabetização. Esse professor dispôs-se a participar do terceiro HTPC para desenvolver um projeto de trabalho, além de avaliar os alunos que estão com dificuldades para serem alfabetizados. Esse projeto é realizado por meio de diálogos, análise das dificuldades do aluno e de sua potencialidade para a alfabetização e o aprendizado. Após esse diagnóstico, teve início um trabalho, realizado juntamente com os professores, com ação alfabetizadora, desenvolvido no HTPC paralelamente aos conteúdos programáticos do currículo.

É também muito importante a criação de um “espaço alfabetizador”, pois ao chegar a nossas escolas, os alunos do ciclo 2 não encontram referências alfabetizadoras, como cartazes com o alfabeto, desenhos com nomes, cartazes com expressões que demonstram respeito, como “obrigado”, “por favor” etc. Os professores também precisam saber aproveitar essas informações para realizar as intervenções necessárias, pois se um aluno que escreve "veio" ao invés de "feio" (troca do f pelo v) não for corrigido, essa dificuldade permanecerá por muitos anos.

Contamos também com a metodologia trabalhada pelo professor mediador que se dispôs a auxiliar, principalmente, aqueles que estão iniciando o novo ciclo, pois chegam totalmente inseguros e passam por sérias dificuldades. As nossas UEs que já contam com o trabalho desse professor estão atingindo bons resultados. O trabalho em equipe está sendo fundamental para obter esse resultado; o trabalho da professora de Português está sendo fabuloso e, é claro, exaustivo; a professora responsável pela recuperação paralela também participa ativamente desse trabalho, além dos outros professores, que trabalham o conteúdo de sua disciplina sempre atentos às dificuldades e procuram diversificar as atividades e formas de avaliação. Essa proposta de projeto já vem sendo desenvolvida na escola desde o início de abril de 2011.

3 RESULTADOS

Em busca de soluções para os problemas descritos acima na Escola Estadual Francisco Derosa, foi possível verificar (gráfico 1) que o aluno do ciclo 1 do Ensino Fundamental que chega à nossa escola é:

Pré-silábico: quando não conhece o sistema alfabético de escrita e, em suas hipóteses, apresenta garatujas, letras invertidas ou letras aleatórias sem saber o que representam. Há 10 alunos nessa condição.

Silábico sem valor: quando cada letra corresponde a uma sílaba, mas não há correspondência sonora. Por exemplo: T N A – Be Xi Ga. Há 13 alunos nessa condição.

Silábico com valor: quando há correspondência sonora. Por exemplo: B X H – Be Xi Ga. É possível constatar que o H, para o aluno, tem som de Ga. Há 20 alunos nessa condição.

Silábico alfabético: cada letra que escreve pode representar uma sílaba, ao mesmo tempo em que também pode escrever corretamente. Por exemplo: BE I H – Be Xi Ga. Há 27 alunos nessa condição.

Alfabético recente: há muitos conflitos, sem preocupação com a ortografia. Normalmente apenas decodifica o que lê. Há 30 alunos nessa condição.

Alfabético pleno: está em situação de letramento, preocupa-se com a ortografia e atribui sentido à leitura; infere, conclui, entende o saber. Há 20 alunos nessa condição.

Esses foram os pontos apresentados aos professores que participaram do projeto.

No início do ano, recebemos 120 alunos para cursar a 5.^a série/6.^o ano, além da triagem feita com as 6.^{as} séries/7.^{os} anos, que corresponde a 150 alunos.

Vejamos a análise do diagnóstico:

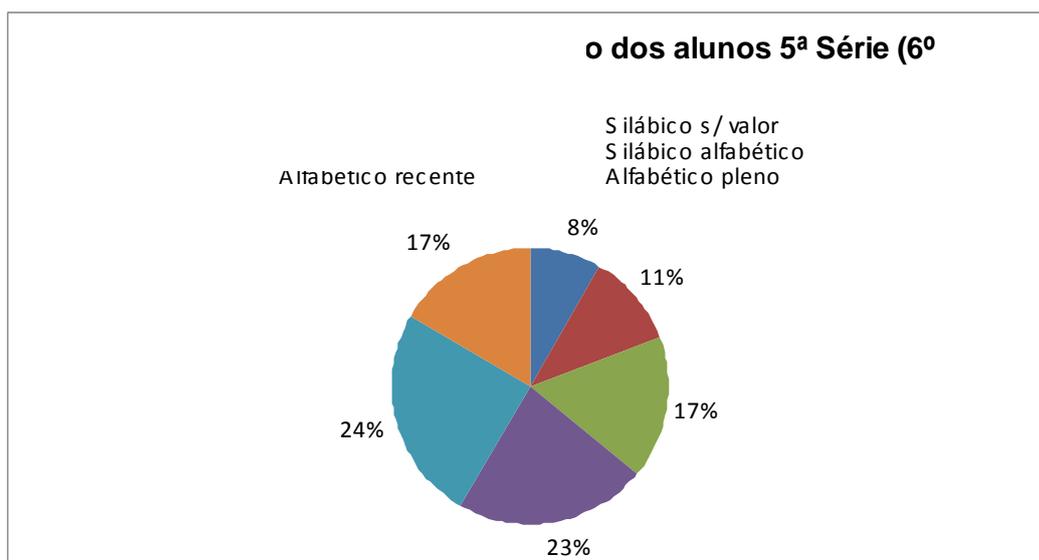


Gráfico 1 – NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DA 5.ª SÉRIE/6.º ANO.
Fonte:

Com os alunos da 6.ª série/7.º ano, houve poucos casos, pois com o trabalho desenvolvido no ano anterior pelos professores durante a recuperação contínua e nas aulas de reforço e recuperação paralela, foram obtidos resultados satisfatórios, e os alunos conseguiram desenvolver a alfabetização e o aprendizado.

Ainda não temos o resultado das atividades desenvolvidas, pois é necessário um certo período de tempo para que as atividades aplicadas produzam resultados expressivos. Teremos uma melhor noção do resultado do trabalho quando forem realizadas as atividades avaliativas.

Durante a coleta dos dados, houve uma avaliação diagnóstica, uma reunião com os pais para informar o grau de aprendizagem dos filhos e a apresentação das propostas para o desenvolvimento do aprendizado. Com relação à avaliação, foram realizadas várias atividades, como leitura, escrita e cálculos envolvendo as quatro operações básicas.

Níveis de alfabetização	N.º de alunos	%
Pré-silábico	10	14,2857
Silábico sem valor	13	18,5714
Silábico com valor	20	28,5714
Silábico alfabético	27	38,5714
Total de alunos	70	100

Tabela – NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO EM %

Fonte:

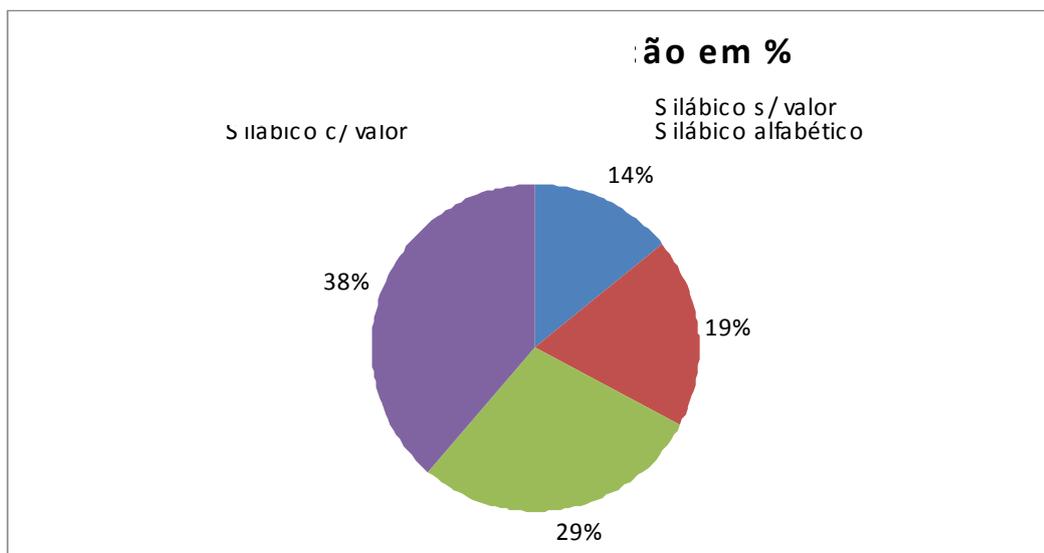


Gráfico 2 – NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO EM %.

Fonte:

O diretor ressaltou que nem todos aprendem da mesma maneira, que cada um aprende de acordo com seu ritmo e seu nível. Também abordou as dificuldades relatadas pelos alunos por residirem em bairros distantes da escola, pelo nível de escolaridade dos pais (muitos são analfabetos) e pelo próprio nível social (a maioria das famílias trabalha como caseira nos sítios), o que acaba provocando timidez no relacionamento com os outros alunos que vivem no centro da cidade.

Atividade motora: hiperatividade ou hipoatividade, dificuldade de coordenação relacionada ao processo de maturação, em que o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas; é sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto.

Atenção: baixo nível de concentração; dispersão, depende dos fatores fisiológicos, de condições neurológicas e também da situação contextual em que o indivíduo se encontra; motivacional, depende da forma como o estímulo se apresenta e gera interesse; concentração, depende do grau de solicitação e atuação do estímulo, levando a uma melhor percepção da fonte de estímulo.

Área matemática: problemas em seriações, inversão de números, reiterados erros de cálculo.

Área verbal: problemas na codificação/ decodificação simbólica, irregularidades na escrita, disgrafias.

Emoções: desajustes emocionais leves, baixa autoestima.

Memória: dificuldade de fixação e de raciocínio lógico.

Percepção: reprodução inadequada de formas geométricas, confusão entre figura e fundo, inversão de letras. **Sociabilidade:** inibição participativa, pouca habilidade social, agressividade.

Alfabetização: está em situação de letramento, preocupa-se com a ortografia e atribui sentido à leitura; inferência.

4 ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com Libâneo (1994), os professores são uma parte integrante do processo educativo, sendo importantes para a formação das gerações e para os padrões de sociedade que buscamos. Para o autor, a educação é um fenômeno social universal, que determina o caráter existencial e essencial da sociedade. Ele estuda também os tipos de educação: a não intencional, que se refere a influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos, e a intencional, que se refere àquelas que têm objetivo e intenções definidos. A educação pode ser também formal ou não formal, dependendo sempre dos objetivos. A educação não formal é aquela realizada fora dos sistemas educacionais convencionais, e a educação formal é a que se realiza nas escolas, agências de instrução e educação, ou outras.

A *educação* é apresentada segundo um conceito amplo, que podemos sintetizar como uma modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação da personalidade social e do caráter, sendo assim uma instituição social. Já a *instrução* está relacionada à formação e ao desenvolvimento das capacidades cognoscitivas, mediante o domínio de certos conhecimentos. O *ensino*, por sua vez, é conceituado aqui como as ações, meios e condições para que se realize a instrução. Observa-se que a instrução está subordinada à educação. Essas relações criam uma relação intrincada desses três conceitos, que são responsáveis pelo ato de educar (LIBÂNEO, 1994).

O autor destaca que podemos instruir sem educar e vice-versa, pois a real educação depende de transformarmos essas informações em conhecimento, tendo nos objetivos educativos uma forma de alcançarmos a educação. Diz ainda que a educação escolar pode ser chamada também de ensino.

A reflexão sobre a questão do poder na educação exige uma nova compreensão de conceitos, o que implica enfrentar os desafios que envolvem a relação entre saber e poder. Implica rever as competências daqueles que educam. É preciso passar da habilidade da transmissão de conteúdos para a competência da comunicação dialógica; do uso da técnica pela técnica para a

competência do aprender a ensinar e do descobrir como se aprende; do individualismo próprio do nosso tempo para a competência de viver juntos e, dentre outras passagens necessárias para o crescimento coletivo, enfrentar a idéia de que é preciso tolerar as diferenças. (SILVA; DE SORDI, 2006)

Entendemos que o sentimento da tolerância é o nível mais baixo da capacidade do homem de se relacionar com o seu próximo e uma educação de qualidade não pode ser construída nesse nível de relacionamento. É preciso aprender a competência para compreender que é na diversidade que residem as chances de evolução do conhecimento e do crescimento humano. Nesse sentido, no lugar de tolerar as desigualdades, as diferenças, o verbo aprender com o diferente torna-se mais edificante.

Com isso, talvez seja possível dar alguns passos e pensar na inclusão e na construção de uma escola coletiva, na perspectiva de uma educação humanizadora. Valorizar a soberania, a diversidade, com acessibilidade à cultura, enriquece e aproxima as pessoas. Para isso, se promove uma qualificação de professores concomitantemente ao trabalho desenvolvido com os alunos para que não se perca sua essência.

O trabalho dos professores consiste em um grande desafio, pois trabalham o individual e o coletivo. Para isso, precisam estar sintonizados com os problemas e dialogar, problematizar muito, de forma que possam superar as dificuldades que a escola e a comunidade apresentam. Assim, a gestão por competências torna-se imprescindível, para que desenvolvam com flexibilidade a criatividade, a inovação, o empreendedorismo, a prática didática, as metas e os objetivos.

Para a realização de outra forma de organização do trabalho na escola, será preciso que se compreenda que a aprendizagem do trabalho coletivo não é algo que se aplica facilmente. Trata-se de uma aprendizagem complexa, porque envolve diferentes leituras de mundo e a questão da postura diante da realidade. Contudo, sua complexidade não inviabiliza sua realização; ao contrário, aponta alguns desafios: parar para refletir sobre a forma atual da escola, por meio de leitura e verificação empírica; discutir as constatações encontradas e avaliá-las; propor alternativas que possam tornar o trabalho favorável à vida em grupo; definir prioridades nas ações e nas relações entre

os sujeitos do grupo, de forma que os objetivos, as finalidades e o sentido do trabalho a ser realizado possam ser avaliados e reavaliados constantemente. Por outras palavras, compreender que é preciso agir para transformar. À luz da realidade, colocar em prática a teoria avaliá-la, refletir sobre ela, sonhar juntos, com e pela mudança. O envolvimento e a participação da equipe no ambiente escolar nos dias atuais são considerados um componente importante para o desempenho ideal das instituições de ensino.

O ambiente escolar tem, sem dúvida, uma função importantíssima: a educadora. Por isso, faz-se necessário que a equipe procure acompanhar o desenvolvimento da criança em todo o seu processo de aprendizagem, tanto no lar quanto em sua atividade na escola.

Desenvolver um trabalho coletivo no ambiente escolar, incluindo a família no processo de ensino-aprendizagem, como parceiros e colaboradores, estimulou o crescimento do aluno, resgatando o fortalecimento da auto-estima. Portanto, aderir ao coletivo não implica perda de alternativas pessoais de cada um, mas engajamento no processo de construção de um perfil de cidadão que passa necessariamente pela cidadania dos educadores e, à medida que isso ocorre, revela mais um aspecto da ação coletiva, em um contexto social abrangente, considerando que uma condição para a realização do trabalho coletivo é a clareza que todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem devem ter da realidade existente e da que se deseja construir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos e a discussão realizada pela literatura fizeram com que o grupo elaborasse um plano de ação na escola com o objetivo de obter a melhoria do aprendizado dos alunos em transição. Para isso, deverá ser realizada uma reflexão acerca dos conteúdos descritos a seguir:

Planejamento curricular: é o "processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno". Portanto, essa modalidade de planejar constitui um instrumento que orienta a ação educativa na escola, pois a preocupação é com a proposta geral das experiências de aprendizagem que a escola deve oferecer ao estudante, através dos diversos componentes curriculares. (VASCONCELLOS, 1995, p. 56)

Planejamento escolar: é o planejamento global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. "É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social." (LIBÂNEO, 1992, p. 221)

Plano escolar: é onde são registrados os resultados do planejamento da educação escolar. "É o documento mais global; expressa orientações gerais que sintetizam, de um lado, as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino propriamente ditos." (LIBÂNEO, 1993, p. 225). Projeto é também um documento produto do planejamento porque nele são registradas as decisões mais concretas de propostas futuristas. Trata-se de uma tendência natural e intencional do ser humano. Como o próprio nome indica, projetar é lançar para frente, dando sempre a idéia de mudança, de movimento. Projeto representa o laço entre o presente e o futuro, sendo ele a marca da passagem do presente para o futuro.

Na opinião de Gadotti (*apud* VEIGA, 2001, p. 18) e segundo Vasconcellos (1995, p. 143),

projeto pedagógico é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma

forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição.

Após a análise de todos os resultados da amostragem feita com relação aos alunos em período de transição do ciclo 1 para o ciclo 2, iniciamos uma ação de acordo com o projeto de intervenção para darmos continuidade ao aprendizado e à alfabetização. Tivemos como ponto de partida os problemas identificados a partir de um diagnóstico realizado sobre leitura e escrita por amostragem, cujo resultado revela que 58% dos alunos que chegam ao final do ciclo 1 com dificuldades na leitura e escrita não sabe ler e/ou lêem com dificuldade, e 42% sabe ler, isto é, são alfabéticos recentes ou alfabéticos plenos.

A progressão continuada, na questão da aprendizagem da leitura e da escrita, não se realiza de forma satisfatória no ciclo. Sendo assim, surgem as seguintes questões acerca das dificuldades na aprendizagem, sobre as quais devemos refletir: Qual a concepção de leitura que permeia a ação docente? Qual a importância que o professor dá à leitura, na sala de aula, para que o aluno se torne um leitor? Qual a função social que a escola atribui à escrita? Quais os critérios de avaliação utilizados pelo professor?

Uma dificuldade da qual a maioria dos professores compartilha é como contagiar os nossos alunos com o gosto pela leitura. Segundo Kleiman (2002), “os professores devem contagiar os seus alunos com seu entusiasmo pela leitura, contadores de histórias, bibliotecários prestativos, bibliotecas bem aparelhadas, atividades lúdicas que envolvam a leitura”.

O ensino da leitura na escola pode ter dois objetivos básicos: um deles é o incentivo e o desenvolvimento do gosto pela leitura e o outro, o desenvolvimento da capacidade de compreensão do texto escrito.

Para professor e escola atingirem o primeiro objetivo, é necessário e fundamental construir uma equipe pedagógica, elaborar atividades e possuir uma infra-estrutura que permita o contato prazeroso com o livro, a experimentação, o manuseio de muitos e variados suportes e repertórios de textos. Quanto ao segundo objetivo, a escola precisa de um professor bem formado, que seja, além de leitor, formador de novos leitores, orientando os

muitos caminhos que se pode tomar para chegar à construção de um sentido. (KLEIMAN, 2002)

Assim, para que possamos tentar resolver essas questões, faz-se necessário que a equipe escolar retome as concepções que orientam atualmente a aprendizagem e o ensino da língua escrita, particularmente a aprendizagem e o ensino do escrever. Embora tais concepções já sejam amplamente conhecidas, julgou-se necessário retomá-las, a fim de tornar explícitos os princípios e pressupostos em que se fundamentará a tentativa de resposta às perguntas anteriormente formuladas.

Assim, em um primeiro momento, relembram-se as concepções atuais de aprendizagem e de ensino da língua escrita; em seguida, busca-se indicar as interferências dessas concepções no processo de aprendizagem na escola, distinguindo-se, apenas para fins de clareza da exposição, duas faces desse processo: a aquisição do sistema de escrita e leitura e o desenvolvimento das competências e habilidades de utilização desse sistema para a interação social.

A partir dessa retomada das concepções atuais e de seus aspectos pedagógicos, chega-se à tentativa de resposta às perguntas anteriores, discutindo-se, sobretudo, a ação possível e necessária dos professores na direção e orientação do processo de apropriação da alfabetização, da escrita e da leitura pela criança, diminuindo a defasagem, a reprovação, a evasão, incluindo o aluno em transição na sociabilização ao meio escolar. A ação pedagógica supõe atividades diversificadas, que criem oportunidades para que o aluno descubra a possibilidade ou necessidade de utilizar a língua escrita como forma de comunicação, situações em que a expressão escrita se apresente como uma resposta a um desejo ou a uma necessidade de comunicação, de interação, em que o aluno tenha, pois, objetivos para escrever e destinatários (leitores) para quem escrever.

Além da formação, sempre foi desejo dos professores poder criar na sala de aula uma atmosfera de motivação que permitisse aos alunos participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Mas como fazê-lo? Essa era a pergunta que sempre surgia.

O indivíduo constrói seu conhecimento também através das experiências de vida. A criança deve ir ao teatro, ao cinema, à indústria, deve acampar e fazer caminhadas na mata, conhecer a nascente de um rio, enfim, deve descobrir o mundo fascinante vivenciando-o. O dever e a responsabilidade da escola são garantir aos alunos o domínio da língua oral e escrita, pois é através dela que o indivíduo tem acesso à vida social e à cidadania. O indivíduo exerce a cidadania na medida em que puder dar opiniões, debater, reivindicar e participar.

Portanto, a prática do alfabetizador deve concentrar-se no desenvolvimento de habilidades de uso da linguagem: a leitura deve ser iniciada pela criança a partir de diversos textos: bilhetes, poemas, notícias de jornal, histórias em quadrinhos, placas de rua, roupas, sacolas, *outdoors* etc.

Através da leitura, a criança deve entrar em contato com diversos contextos em que a língua se apresenta e com as diversas visões de mundo. A articulação dessas diferentes formas de linguagem e visões de mundo deve proporcionar ao aluno, não somente um domínio do código linguístico, ou seja, sua decodificação, mas também o aprendizado sobre a função da linguagem. A criança deve aprender a ler refletindo sobre o que lê.

Cabe à escola fomentar o sujeito crítico, adequando a ação pedagógica à nova realidade tecnológica e cultural. A escola é o único lugar onde se pode democratizar a linguagem. O domínio da linguagem é a única forma de inclusão social. Através do domínio da linguagem, a escola deve formar cidadãos autônomos e conscientes, deve impelir os indivíduos a se posicionarem criticamente frente ao universo de informações que recebem diariamente e, assim, serem participantes de uma sociedade mais justa e fraterna.

BIBLIOGRAFIA

- AZANHA, J. M. **Proposta pedagógica e autonomia da escola: formação do professor.** São Paulo: Ed. Semec, 2006. p. 87-104.
- BARROSO, J. Formação de projeto e desenvolvimento organizacional. In: CANÁRIO, R. (Org.). **Formação e situações de trabalho.** Porto/Portugal: Porto Editora, 1997-2003. p. 61-78.
- BENTO, A. **Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: perspectivas dos alunos do 5.º ano.** In: SOUSA, J.; FINO, C. (Org.). **A escola sob suspeita.** Porto/Portugal: Edições Asa, p. 375-384. 2005.
- BOLÍVAR, A. **A escola como organização que aprende.** Porto/Portugal: Editora Porto, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília, DF: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 2001. Programa de formação de professores alfabetizadores. Documento de apresentação.
- CASSI, P. **Troca de saberes.** Disponível em: <<http://www.novaescola.com.br>>. Acesso em: 19 set. 2011.
- DAY, C. **Desenvolvimento profissional dos professores: os desafios da aprendizagem permanente.** Porto/Portugal: Editora Porto, 1999.
- FULLAN, M.; HARGREAVES, A. **Por que vale a pena lutar? O trabalho da equipe na escola.** Porto/Portugal: Editora Porto, 2001.
- _____. **Liderar numa cultura de mudança.** Porto/Portugal: Editora Porto/ Edições Asa, 2003.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GOMES, F.; CARVALHO, R. **Começar bem... da 4.ª série para a 5.ª série: a experiência de um projeto de apoio à transição do 1.º para o 2.º ciclo do Ensino Básico.** Universidade da Madeira, 2007.
- HARGREAVES, A. **Os professores em tempos de mudanças: o trabalho e a cultura dos professores na Idade Pós-Moderna.** Lisboa: MacGraw-Hill de Portugal, 2003.
- KLEIMAN, A. B. **A competência leitora: desafios para o professor.** In: MARFAN, M. A. (Org.). Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores. Simpósios [do] Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores. Brasília: MEC, SEF, 384 p., v.1, 2002.
- LIBÂNIO, J. C. **Didática.** São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- OLIVEIRA, E. Sara Pain: educar é ensinar a pensar. **Nova escola**, São Paulo, n. 70, p. 22-23, 1993.
- SILVA, M. M.; DE SORDI, M. R. L. A organização do trabalho pedagógico: limites e possibilidades do curso de pedagogia. **29.ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Caxambu/MG. 15-18 out. 2006.
- SOUZA, N. Emília Ferreiro: uma aula inédita para mais de dez mil professores. **Nova Escola**, São Paulo, n. 139, p. 10-29, 2001.
- VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo.** São Paulo: Libertat, 1995.

APÊNDICE

Questionário para os alunos (Esse questionário pretende estabelecer um perfil dos alunos e seus pais.)

Nome

Ano de nascimento

Religião

Número de pessoas com quem mora

Nível de escolaridade dos pais

Bens culturais a que tem acesso

De quais disciplinas gosta

Gosta de leitura

Sabe fazer contas

Já foi reprovado

Frequência

Abandono da escola

Opinião sobre a escola

Expectativas futuras